

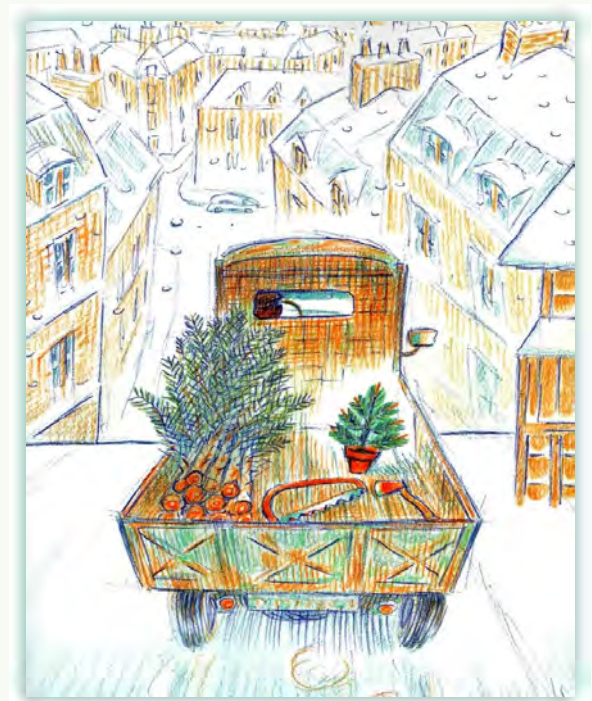


A floresta dos pinheiros grandes

Numa pequena colina, havia um pinheirinho que sonhava ir viver um dia para perto dos pinheiros grandes, na serra que ficava mesmo em frente.

Numa manhã de inverno, uma camioneta parou nas proximidades. Dela saiu um homem com uma enxada. Desenterrou o pequeno pinheiro e meteu-o na traseira da camioneta.

— Vamos lá ver se se vende — disse. — A caminho!



Outros pinheiros, de tamanho médio, também lá iam.

— Estamos a caminho da floresta dos pinheiros grandes? — perguntou o pequeno pinheiro, muito preocupado.



Mas os outros nada disseram.

O homem colocou os pinheiros no passeio em frente de um centro comercial. “Isto não se parece nada com a floresta dos pinheiros grandes”, pensou o pequeno pinheiro.

— Olha os lindos pinheirinhos! Quem quer comprar? — anunciava o homem numa voz forte.

E, pouco a pouco, os pinheiros foram sendo comprados pelas

pessoas que saíam do centro comercial.

No final do dia já só sobrava o pinheiro pequeno.

“Afinal, ficou este! Que vou fazer com ele?” resmungou o homem coçando a cabeça.

No momento em que ia a subir para a camioneta, alguém o chamou:

— Por favor! Ainda tem algum pinheiro para vender?

— Tem sorte, já só me sobra este. Serve-lhe?



— Pois claro. Fico-lhe com ele! — disse o cliente.

— Que lindo! — exclamou a senhora que o acompanhava, também ela de pequena estatura.



O Senhor e a Senhora Bolkodaz viviam numa casa pequena perto da cidade. E o pinheirinho foi colocado junto da chaminé.

A senhora Bolkodaz pendurou-lhe bolas coloridas nos ramos e enfeitou-o com grinaldas.

“Não gosto de ser mascarado”, pensou o pequeno pinheiro. “E, além disso, tenho demasiado calor aqui!”



Era noite de festa naquela pequena casa.

O Senhor e a Senhora Bolkodaz comeram demoradamente e riram muito.

À meia-noite, antes de irem dormir, trocaram presentes.

Sozinho na escura sala de jantar, perto do lume a extinguir-se, o pinheirinho pensava com tristeza: “Ainda não é desta que vou para a floresta dos pinheiros grandes...”

E os dias foram passando.

O pequeno pinheiro estava cada vez mais triste com as suas grinaldas e bolas coloridas. Sentia-se a secar. E todos os dias, pela janela, via outros pinheiros abandonados ao lado dos contentores do lixo.



Uma manhã, o Senhor Bolkodaz debruçou-se sobre o pequenino pinheiro.

— É tempo de tratar dele — disse.

A Senhora Bolkodaz retirou as bolas coloridas e arrumou cuidadosamente as grinaldas.

— Vamos! — convidou o Senhor Bolkodaz.

“Adeus, floresta dos pinheiros grandes...”, pensou dolorosamente o pinheirinho.

Mas, em vez de se dirigir para a rua, o Senhor Bolkodaz abriu a porta das traseiras. Lá fora estendia-se um jardim e, mesmo ao fundo, havia... pinheiros grandes, pinheiros muito grandes que se erguiam muito verdes, bem juntinhos uns dos outros!

Com a ajuda de uma enxada, o Senhor Bolkodaz abriu uma cova redonda. E a senhora Bolkodaz colocou ali o pinheirinho.

— Mais um ano que se passou... — suspirou a Senhora Bolkodaz.

A neve começava a cair.

Antes de entrarem em casa, ambos se voltaram e disseram:

— Feliz Natal, pinheirinho!



Fabienne Mounier ; Daniel Hénon
La forêt des grands
Paris, l'école des loisirs, 2005
(Tradução e adaptação)